

Breve análise dos fatores culturais nas diferenças entre os provérbios e idiotismos chineses e portugueses relacionados à alimentação

WANG Peixuan*

Resumo

No decorrer da história, tanto Portugal quanto a China integraram a vida quotidiana às línguas, concebendo uma grande quantidade e variedade de provérbios e expressões idiomáticas que se perfilam como o tesouro do idioma. Não obstante algumas convergências, reinam as disparidades quanto à forma de composição, à escolha de temas e à conotação dos simbolismos nestas expressões devido aos fatores culturais tais como as tradições, convenções sociais e religiosas, o que torna essencial a abordagem da dimensão cultural aquando da análise deste tema. O presente trabalho apresenta diferenças e similaridades representativas em alguns provérbios e expressões chineses e portuguesas, tomando como base o tema emblemático da gastronomia e buscando analisar algumas razões culturais subjacentes. Através de uma abordagem contrastiva, o artigo visa dirimir alguns mal-entendidos na comunicação intercultural sino-portuguesa, aumentar a exatidão e a adequação desta comunicação e também oferecer algumas inspirações e sugestões aos profissionais de línguas.

Palavras-chave: provérbios, idiotismos, tradução chinês-português, culturas chinesa e portuguesa.

1. Introdução

Nos últimos anos, à medida que as relações entre a China e os países de língua oficial portuguesa se têm intensificado, acentua-se também a popularidade do estudo da língua portuguesa na China, assim como a grande necessidade de talentos que dominem bem os dois idiomas, pelo que diversas universidades e instituições de ensino superior têm vindo a iniciar cursos de língua portuguesa. Dominar uma língua vai muito além

da simples aprendizagem de regras gramaticais ou da utilização de um vocabulário alargado e pressupõe um sólido conhecimento da cultura dos povos que a conceberam e enriqueceram ao longo do seu desenvolvimento histórico. A partir desse ponto de vista, os provérbios e idiotismos figuram como uma ponte linguístico-cultural. Por um lado, sendo um tipo de enunciado lexicalizado, os provérbios e idiotismos integram-se de forma indissociável a uma variedade

* Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, China || ✉ emilywang@bfsu.edu.cn

linguística, distinguindo-a das demais. Por outro lado, formados e desenvolvidos no decorrer da vida quotidiana dos povos e no seio da comunidade, servem como espelho da cultura e da essência da sabedoria dum nação, como já afirmou o filósofo inglês Francis Bacon, “A índole, a sagacidade e o espírito de uma nação são descobertos nos seus provérbios.”¹ (Alberto, 2002: 189)

Os provérbios e idiotismos permitem também que se encontrem algumas curiosas convergências entre as línguas chinesa e portuguesa. Veja-se o caso de “水滴石穿 (shuǐ dī shí chuān -, literalmente, “a água pinga e infiltra na Rocha”)² e “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, que quase parecem traduções diretas um do outro. Contudo, na sua maioria, existem grandes disparidades quanto à forma de composição, à conotação dos simbolismos e à escolha de temas. Por exemplo, a expressão “vender gato por lebre”, que significa tentar enganar outrem em relação à qualidade de algo, poder-se-ia traduzir para chinês como “挂羊头卖狗肉” (guà yáng tóu mài gǒu ròu: vender cão por carneiro).

Os alimentos mais comuns nas mesas portuguesas – o pão, o azeite e o vinho – são também, sem surpresa, os mais utilizados nos provérbios e idiotismos portugueses. Já a sua escassez dieta chinesa faz prever a ausência destas iguarias nas expressões idiomáticas do império do meio. Para o ensino de Português como Língua Estrangeira, é de destacar como alguns provérbios ou expressões vernaculares como “Res-vés campo de Ourique” e “Ser um velho do Restelo”, que se vinculam estreitamente com os personagens ou acontecimentos históricos podem servir de atalho para interessantes aulas sobre a cultura portuguesa. Todos esses fenómenos linguísticos parecem comprovar a importância de procurar as influências culturais subjacentes.

O presente estudo desenrolar-se-á em quatro partes, em que abordaremos as diferenças dos provérbios

e idiotismos chineses e portugueses, focando-se mormente no contexto cultural em vez da ciência da linguística. No capítulo 1, serão explicados os pressupostos teóricos, e nos capítulos 2, 3 e 4, faremos um estudo comparativo expondo as diferenças e, ao mesmo tempo, prestaremos mais atenção às informações culturais contidas nos provérbios. Visto que os provérbios e expressões possuem enorme quantidade e variedade e que não é possível abordar tudo num texto só, escolhemos três temas mais comuns e representativos que são a gastronomia, os animais e os acontecimentos e figuras históricas.

Este trabalho pretende dar um contributo para melhorar a compreensão, a exatidão e a adequação nas comunicações interculturais sino-portuguesas e espera-se que possa ser ferramenta prestável para os interessados quanto à sua aprendizagem de chinês ou de português, bem como oferecer algumas inspirações e sugestões aos profissionais de línguas.

2. Enquadramento teórico

2.1. Definições e características dos provérbios e idiotismos

Utilizados frequentemente na língua coloquial quotidiana, os provérbios e idiotismos (também designados por expressões idiomáticas), são as frases e construções sucintas em que se costumam refletir os conceitos morais ou normas sociais dominantes de uma determinada população. Contudo, no âmbito académico e científico, encontrar uma definição precisa e unanimemente aceite acaba por ser um trabalho árduo. Centenas de definições foram avançadas, muitas delas contraditórias, como aponta Arnaldo Saraiva (1999: 12), “Será caso para dizer ‘cada cabeça cada sentença’, mas não para desistirmos de clarificar o que sobretudo em Portugal anda muito confuso”.

Devido a essas divergências e à complexidade inerente a este campo e tendo em conta que o presente

¹ Todas as traduções são de responsabilidade da autora. No original, em inglês, lê-se: “The genius, wit, and the spirit of a nation are discovered by their proverbs.”

² No presente trabalho, apresentamos os provérbios e idiotismos chineses em caracteres simplificados seguidos pelo *pinyin*, que é o método de transliteração mais utilizado atualmente para o mandarim padrão.

trabalho se baseia nos contextos chinês e português, interessar-nos-á principalmente o estatuto destas construções no mundo sino-lusófono.

O Dicionário da Língua Portuguesa (2018: 598) define o provérbio como “frase curta, de proveniência popular, geralmente rimada, que encerra um pensamento moral” enquanto segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001: 2994), o provérbio significa “máxima ou sentença de carácter prático e popular, expressa em poucas palavras e geralmente rica em imagens e sentidos figurados”. No Dicionário Verbo da Língua Portuguesa (2006: 969), o provérbio é um “enunciado curto, frequentemente com ritmo, rima e imagens sugestivas e cujo conteúdo, denso e de teor moral, é fundado na sabedoria popular”.

A par dos dicionários, vários estudiosos anunciaram as suas teorias, dentre os quais Lopes (1992: 1) que propõe uma definição muito detalhada, salientando a coloquialidade, a anonimia, a atemporalidade e a sabedoria popular:

o provérbio é um texto breve e sentencioso, que se transmite oralmente de geração em geração, acabando por adquirir o estatuto de texto anónimo institucionalizado. Através dos provérbios exprime-se uma determinada visão do mundo, sob a forma de supostas verdades omnitemporais que configuram regularidades induzidas por generalização empírica, consensualmente aceites pela comunidade, e veiculam-se normas de conduta socialmente consideradas exemplares. (Lopes 1992: 1).

Em síntese, os provérbios revestem-se das seguintes características:

- enunciado completo que se pode utilizar independentemente;
- forma concisa, muitas vezes rimada e relativamente fixa
- em geral de criação anónima ou desconhecida;
- expressão de uma sabedoria popular baseada no senso comum ou experiência;
- intemporalidade e tradicionalidade.

Cabe salientar que, mesmo que seja um dos fraseologismos mais conhecidos e consagrados, o provérbio por vezes acaba por se confundir com uma série de outros conceitos no contexto português, tais como adágio, aforismo, anexam, máxima, rifão, brocardo, entre outros, que muitas vezes partilham características comuns com o provérbio, fazendo com que seja difícil delimitar a diferença.

Se for possível traçar um paralelo entre o inglês *idiom* e o português “idiotismo” ou “expressão idiomática”, encontramos em Benson, a seguinte distinção: “os provérbios normalmente são frases completas; os idiotismos geralmente representam partes de frases”³ (1985: 66). O Dicionário da Língua Portuguesa (2018: 323) delimita a expressão idiomática como “expressões com sentido próprio que não pode ser inferido a partido do sentido das partes que a constituem”. E segundo o Dicionário da Língua Portuguesa contemporânea (2001: 1654), o idiotismo “é peculiar a uma língua, geralmente devido ao fato de o seu significado não ser literal”.

Assim, resumem-se as delimitações para o idiotismo:

- unidade lexical complexa (enunciado incompleto);
- forma relativamente fixa mas que permite uma variedade sobretudo gramatical;
- expressão de vivências e valores socioculturais;
- sentido contextualizado e figurativo afastados de sentido literal.

Devido à multiplicidade dos conceitos e à grande diferença entre os dois idiomas, não é fácil encontrar, em chinês, palavras equivalentes aos termos “provérbios e idiotismos”. No entanto, com base nas teorias acima e após a consulta de muitas investigações, adotamos a categorização de Liu (2012), correspondendo 熟语 (shúyǔ) a idiotismo enquanto 谚语 (yànyǔ) a provérbio.

³ No original, em inglês, lê-se: “proverbs are usually complete sentences; idioms often represent parts of sentences”.

Observando a língua inglesa, o termo *idiom* é relativamente próximo ao conceito de Expressão idiomática, tal como ao conceito chinês de Shúyǔ. Sejam Shúyǔ sejam Expressões idiomáticas, revelam características culturais que se refletem na sua linguagem respetiva. Mesmo que os conceitos não sejam completamente iguais, a correspondência entre *idiom*, Expressões idiomáticas e Shúyǔ é a mais próxima que se pode achar. (2012: 50).

(...) as definições de 谚语 *Yànyǔ* e Provérbio focam-se em duas características fundamentais, uma é a simplicidade, outra é o seu conhecimento amplo entre o povo; além disso, ambos revelam as mesmas funções educativas, que os distinguem de quaisquer outras frases. (*op. cit.*: 63)

No fim, vale mencionar que, tanto em provérbios quanto em idiotismos, a metáfora conceitual e a metonímia desempenham um papel comum e significativo. Sendo métodos retóricos enraizados em sistemas culturais específicos, servem de uma maneira importante para as pessoas expressarem os seus pensamentos e entenderem melhor o mundo, refletindo significativas características culturais e diferentes cognições dos diferentes povos para com o mundo.

2.2. As relações entre a cultura, a língua e os provérbios e idiotismos

A cultura possui várias definições, dentre as quais destacamos uma amplamente aceite formulada por Edward B. Tylor para quem a cultura é "um todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade"⁴ (1871: 1). A definição de Tylor destaca três características da cultura. Primeiro, diferente dum instinto inato, a cultura é adquirida por meio da aprendizagem social. Segundo, a cultura é de natureza social. Terceiro, a cultura não é o empilhamento de elementos isolados, mas uma construção complexa de grande alcance.

No sentido geral, a cultura representa tudo aquilo que resulta da criação humana, incluindo os elementos

materiais e visíveis como construções humanas, utensílios e ferramentas, obras de arte etc. e também os imateriais como os valores e maneiras de pensamento, rituais sociais e tradições, hábitos de gastronomia, entre outros. A cultura é um fenómeno histórico e não há sociedade que não possua a sua cultura. Contendo também uma importante componente ideológica, a cultura reflete, de certa maneira, o status quo económico e político duma sociedade e, ao mesmo tempo, influencia o desenvolvimento deste último.

Sendo uma parte indispensável da cultura e uma ferramenta importantíssima da comunicação dos seres humanos, a língua desempenha, ao mesmo tempo, o papel de transportar e divulgar a cultura no decorrer da evolução da civilização humana. Com o passar do tempo, cada idioma evoluiu para um sistema extremamente complexo e esmerado. Contudo, a complexidade e a profundidade da língua não residem no seu mecanismo externo, mas sim se arraigam no mecanismo interno que sustenta a sua existência e promove o seu desenvolvimento – a cultura. A língua não é somente um meio de comunicação, mas nela está a correr, desde sempre, o sangue da civilização humana.

Todas as línguas parecem exibir uma vertente proverbial e idiomática, que, ao que tudo indica, tem por função comunicar e educar os povos, integrando conhecimentos, filosofias e as vivências em expressões concisas e vívidas. Para resumir com uma metáfora: se os provérbios e idiotismos fossem uma folha, a língua seria o ramo enquanto a cultura seria a árvore inteira.

3. Os provérbios e idiotismos sobre a gastronomia

3.1. De pão, vinho e azeite à cultura portuguesa

Sendo a essência do alimento mediterrânico, vê-se a trindade do pão, vinho e do azeite em todo o território português, tanto na mesa, quanto nos provérbios e idiotismos portugueses. Em contrapartida, quase não se encontra vestígio destes alimentos na linguagem coloquial chinesa, o que serve para demonstrar os estreitos laços entre os hábitos de um povo e a sua e linguagem coloquial.

⁴ No original, em inglês, lê-se: "Culture or Civilization, taken in its wide ethnographic sense, is that complex whole which includes knowledge, belief, art, morals, law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society."

Em Portugal, o pão é considerado um alimento sagrado que é sempre colocado em lugar de destaque na mesa. Tal prática tem origem no Cristianismo, a religião mais praticada em Portugal, para a qual o pão representa o corpo de Jesus enquanto o vinho é o seu sangue. O pão também pode metaforicamente receber significados diversos, por exemplo, atualmente é comum comparar um homem bonito a um pão, utilizando a expressão "este fulano é um pão"

Além da ligação religiosa, a importância do pão também se deve ao facto de ser o principal alimento dos pobres no passado. Outrora, no Dia de Pão por Deus, os pobres pediam "Pão por Deus" às portas para matar a fome, enquanto atualmente este costume é mais praticado pelas crianças no Dia de Todos os Santos, que saem às ruas em pequenos grupos pedindo "Pão por Deus" de porta em porta, recitando pequenos versos aos moradores das casas. O pão também aparece na expressão "ganha-pão" como substituto ao salário, por ser um alimento essencial em qualquer lado.

Comparado ao pão, o azeite raramente implica a imagem da fome nos provérbios e idiotismos, mas é mais relacionado com a sacralidade e abundância. No Ocidente, o azeite é reconhecido como "ouro líquido" e "néctar do Mediterrâneo" e costuma aparecer em ocasiões religiosas. Na Bíblia, a oliveira é uma das árvores mais citadas, aparecendo em várias passagens, não apenas a árvore, mas também os seus frutos. Na igreja, o azeite é considerado um unguento sagrado, que pode ter efeito curativo, purificador e até mesmo ser utilizado no exorcismo. Além disso, há o ditado popular "A verdade é como o azeite, vem sempre ao de cima", em que também se verifica a ocorrência do azeite e que teria como equivalente chinês a expressão "真相总会浮出水面的" (Zhēn xiàng zǒng huì fú chū shuǐ miàn de: A verdade sempre vem à superfície), que obviamente deixa de lado o óleo extraído das azeitonas.

Quanto ao vinho, trata-se de uma bebida da qual os portugueses são grandes apreciadores e cujo fabrico possui uma longa história no país. A longa tradição e experiência de beber vinho propiciou aos portugueses a ocasião de chegarem a uma série uma série de "regras", expressas da maneira proverbial: "A chuva de S. João, bebe o Vinho e come o Pão", "No dia de S. Martinho, vai à adega e prova o vinho", "Em Agosto, nem vinho nem mosto." e "Em Novembro, prova o vinho e

planta o cebolinho." Estes provérbios testemunham a sabedoria do povo português, assim como representam a cultura do vinho português.

O provérbio português "Bom vinho dispensa o ramo" significa que não há necessidade de se gabar de algo de boa qualidade, pois as pessoas sempre descobrirão os seus méritos. Segundo Larwood & Hotten (1875:233), o provérbio ter-se-ia originado no Império Romano, onde as vinícolas colocavam à porta um ramo de arbusto ou de hera, amarrado na ponta de um poste, como a garantia da qualidade do vinho. Em contrapartida, a versão chinesa seria 酒香不怕巷子深 (Jiǔ xiāng bù pà xiàng zi shēn: o bom álcool cheira-se bem mesmo numa ruela longa), indicando que a boa qualidade dos produtos é sempre reconhecível. Ainda por este exemplo, podemos ver que nos provérbios e idiotismos chineses, em vez de especificar o género do álcool, costuma-se usar o nome genérico "酒" (jiǔ: álcool), podendo-se referir a todos os tipos de bebidas alcoólicas. Seguem mais alguns exemplos, com as devidas equivalências em português, sempre que nos foi possível encontrá-las:

1. 酒逢知己千杯少

Jiǔ féng zhī jǐ qiān bēi shǎo

Tradução Literal: Ao beber com um verdadeiro amigo, mil copos de álcool não se consideram muitos.

Explicação: Quando os amigos verdadeiros se encontram, têm muito a falar.

2. 今朝有酒今朝醉

Jīn zhāo yǒu jiǔ jīn zhāo zuì

Tradução literal: Como hoje ainda tenho álcool, vou aproveitá-lo e ficar bêbedo.

Explicação: Não se preocupe com o amanhã e aproveite hoje para se divertir ao máximo.

Equivalência: Morra Marta, morra farta.

3. 酒后吐真言

Jiǔ hòu tǔ zhēn yán

Tradução literal: Proferir verdades após beber álcool.

Explicação: O álcool faz as pessoas dizer verdades.

4. 灯红酒绿

dēng hóng jiǔ lǜ

Tradução literal: luz vermelha, álcool verde.

Explicação: Refere-se à vida promíscua e ociosa. Também pode descrever a maravilha noturna e movimentada das ruas da cidade ou sítios de entretenimento..

3.2. De arroz, chá e tofu à cultura chinesa

Amplamente conhecida e utilizada entre os chineses, a expressão idiomática “柴米油盐酱醋茶” (chái mǐ yóu yán jiàng cù chá: lenha, arroz, óleo, sal, molho, vinagre, chá), que também tem uma versão alternativa “开门七件事” (kāi mén qī jiàn shì: as sete coisas por fazer ao abrir a porta), referindo-se às sete coisas necessárias e indispensáveis para o dia a dia dos chineses. Após Wu Zimu, letrado da dinastia Song, descrever “as sete coisas” pela primeira vez na sua obra *Menglianglu Xianpu*, várias obras literárias de diferentes dinastias abordaram “as sete coisas”, e mil anos depois, estes elementos ainda desempenham um papel insubstituível na vida quotidiana do povo chinês, sobretudo o arroz e o chá.

A história do cultivo de arroz na China remonta a mais de 10 mil anos. No início, o milho e o trigo também eram importantes, mas desde os meados da dinastia Ming, o arroz tornou-se o principal alimento da dieta chinesa, especialmente no Sul. Atualmente, a China é o maior produtor mundial de arroz.

O provérbio chinês “巧妇难为无米之炊” (Qiǎo fù nán wéi wú mǐ zhī chuī: Mesmo uma mulher talentosa não consegue fazer uma refeição sem arroz), cujo significado figurado é não se poder concluir um trabalho sem o mínimo necessário, mostra quão indispensável é o arroz na gastronomia chinesa.

O Arroz aparece mais uma vez em “一样米养百样人” (Yī yàng mǐ yǎng bǎi yàng rén: Há pessoas de diferentes feitios, ainda que todos comam o mesmo arroz) reitera a importância do arroz na China, denotando que todas as coisas podem existir uma pluralidade de pensamento e ação, mesmo quando as pessoas se encontram no mesmo ambiente.

Além do arroz, o chá também desempenha um papel significativo na cultura chinesa, e é comum os habitantes do noroeste da China dizerem “宁可三日无食，不可一日无茶” (Níng kě sān rì wú shí, bù kě yī rì wú chá: Antes passar três dias sem comer do que não beber chá por um dia). A cultura do chá chinês não se

restringe à materialidade da plantação e confeição de chá, mas abrange também uma rica cultura espiritual. O Clássico do Chá é a primeira monografia conhecida sobre o chá no mundo, escrito por Lu Yu durante a dinastia Tang. Desde então, o espírito da cultura de chá influenciou tanto a corte, quanto a sociedade, penetrando em áreas como a poesia, a pintura, a caligrafia, a religião e a medicina tradicional chinesa.

A cultura do chá envolve muitos rituais e costumes curiosos. Estes são muitas vezes ilustrados pelos provérbios e idiotismos “客来敬茶 (Kè lái jìng chá: Convém dar o chá à chegada dos convidados)”, “待客茶为先 (Dài kè chá wéi xiān: O chá é a bebida de predileção ao acolher os convidados)” e “客来无烟茶，算个啥人家 (Kè lái wú yān chá suàn gè shá rén jiā: Quem não dá chá e tabaco aos convidados não é um bom anfitrião)”. Fica clara a necessidade de o anfitrião acolher os seus convivas com uma chávena com chá quente. Por respeito aos convidados, além de oferecer a chávena ao convidado segurando-a com as duas mãos o anfitrião deve também reparar na quantidade de água usada para fazer o chá, que segundo a expressão “茶七、饭八、酒满盅” (Chá qī fàn bā jiǔ mǎn zhōng: 70% de chá, 80% de arroz e 100% de álcool), deve ocupar 70% da chávena ou da tigela.

Um falante do português pode estranhar caso ouça dizer “一女不吃两家茶” (Yī nǚ bú chī liǎng jiā chá: Uma menina não pode beber chá de duas famílias). Contudo, este provérbio revela um importante ritual matrimonial na China antiga. Outrora, quando um homem encomendava um casamenteiro para pedir casamento à família da menina, devia colocar chá no presente, ou melhor, no “dote” da noiva. Portanto, este processo chamava-se “recebimento de chá” ou “etiqueta de chá” nos costumes populares tradicionais. Este costume até se registou num dos Quatro Grandes Romances Clássicos da China O Sonho do Pavilhão Vermelho, quando a personagem Wang Xifeng pergunta a Lin Daiyu sorrindo: “Já que bebeste o chá da nossa família, porque ainda não te casaste com o nosso rapaz?”

Outra etiqueta é “以茶代酒” (yǐ chá dài jiǔ: substituir álcool por chá). Quando uma pessoa não aguenta mais brinde e álcool, pode usar esta expressão

para “salvar-se”, porque a substituição é vista como outra maneira de dar homenagem. Para os chineses, beber chá em vez de álcool representa um modo de vida desprezioso visto que o chá representa calma e modéstia. Por exemplo, no idiotismo “粗茶淡饭” (cū chá dàn fàn: chá ordinário e refeições simples) que se usa para descrever modo de vida simples e sóbrio, surgiu o simbolismo do chá.

O chá é considerado ainda como uma bebida saudável, como sugerem os provérbios “常喝茶, 少烂牙” (Cháng hē chá shǎo làn yá: Beber o chá frequentemente faz bem aos dentes) ou “茶水喝足, 百病可除” (Chá shuǐ hē zú bǎi bìng kě chú: Beber muito chá pode curar dezenas de doenças). As ciências naturais têm vindo a comprovar os inúmeros benefícios que traz o chá ao bom funcionamento do corpo humano.

O tofu é outro alimento que aparece muitas vezes nos provérbios e idiotismos chineses, mas que não se costuma encontrar no contexto português. *No Compêndio da Matéria Medica* de Li Shizhen regista-se: “O método do tofu começa com Liu An, rei de Huainan,”⁵ (Li 1979: 1532). Segundo a lenda, há mais de 2.000 anos, Liu An recrutou oito famosos alquimistas para preparar o elixir da imortalidade. Acenderam o fogo, ferveram a pasta de soja e acrescentaram salmoura na mistela. Porém, em vez de inventarem o elixir, acabaram, de forma involuntária, por criar o tofu.

O tofu é tão amado e utilizado na gastronomia chinesa que existe em várias expressões idiomáticas. Alguns são inspirados pela sua natureza física enquanto outros desenvolveram-se devido ao seu processo de fabrico.

1. 小葱拌豆腐——一清(青)二白

xiǎo cōng bàn dòu fǔ — yī qīng (qīng) èr bái

Tradução literal: Tofu salteado com alho francês, uma coisa verde e duas coisas brancas (o verde refere-se à folha do alho francês e o branco ao tofu e ao caule de alho francês)

Explicação: Refere-se a uma situação muito clara ou uma pessoa com grande integridade.

Equivalência: Pão-pão, queijo-queijo.

2. 刀子嘴豆腐心

dāo zǐ zuǐ dòu fǔ xīn

Tradução Literal: a boca da faca e o coração de Tofu
Explicação: uma pessoa que parece má língua mas que na verdade tem um coração bondoso.

3. 卤水点豆腐——一物降一物

lǔ shuǐ diǎn dòu fǔ — yī wù jiàng yī wù

Tradução Literal: Usa-se a salmoura para fazer tofu - sempre há uma coisa que pode vencer outra\Tudo tem seu conquistador.

Explicação: Só depois de pôr algumas gotas de salmoura, o coloide de soja pode-se formar em tofu. De mesma maneira, por mais poderosa que seja uma coisa, existe sempre outra coisa que pode vencê-la.

4. 豆腐渣工程

dòu fǔ zhā gōng chéng

Tradução Literal: o projeto de resíduo de tofu
Explicação: um projeto da má qualidade.

3.3 Peixes: o simbolismo e a comida popular para ambas as culturas

Na cultura chinesa, o peixe pode simbolizar quase todas as coisas boas: boa sorte, prosperidade, amor perpétuo e feliz, futuro brilhante, entre outras. Uma razão importante é que o caráter chinês do peixe, “鱼(yú)”, tem a mesma pronúncia do “余(yú)”, que significa “de sobra / abundância”. Por isso, decorar a casa com imagens de peixes passou a ser uma tradição no Ano Novo Chinês, sendo que quem tem “peixe”, é quem tem “sobra” e “abundância”. A mesma qualidade é exaltada pelas culturas ocidentais de influência cristã para as quais o peixe simboliza também a união cristã.

Uma lenda chinesa acrescenta uma camada adicional à mitologia e simbolismo do peixe, ao afirmar que a carpa se pode transformar em dragão e subir ao céu desde que salte a uma porta do dragão. Assim, o idiotismo “鲤鱼跃龙门” (Lǐ yú yuè lóng mén: A carpa salta a porta do dragão) é o sinónimo de “ser bem-sucedido”. Além disso, como a capacidade reprodutiva

⁵ No original, em chinês, lê-se: “豆腐之法，始于汉淮南王刘安”.

do peixe é bastante grande, o peixe simboliza também a esperança de ter uma vida feliz com muitos filhos, pois na cultura tradicional chinesa, quanto mais filhos se tem, mais bênçãos têm. Até o fenômeno natural de que o peixe não pode viver sem água é utilizado para homenagear o amor perpétuo e os casais felizes e inseparáveis.

Em contrapartida, o povo português tem uma grande preferência pelos peixes, devido à sua localização geográfica propícia à pesca. Todos os anos, os portugueses consomem uma grande variedade e quantidade de peixes, dentre dos quais o bacalhau é, sem dúvida, um dos mais consumidos, e dizem que “há 1001 maneiras de fazer o bacalhau”. No processo de preparar e de comer bacalhau, nasceram expressões idiomáticas vívidas e interessantes, tais como “dá cá um bacalhau”, “ficar em águas de bacalhau”, “Para quem é, bacalhau basta”. Semelhantes casos também se verificam com outras espécies de peixes. Por exemplo, quem se acha mais esperto do que os outros, pode dizer que é um “carapau de corrida”, e quem gosta de se pronunciar sem conhecer bem o assunto é quem “arota postas de pescada”. Quando estamos num metro cheio de pessoas, podemos dizer que estamos “como sardinhas em lata”, e quando defendemos os nossos interesses, estamos a “puxar a brasa à nossa sardinha.”

Em Portugal, o peixe ainda apresenta a sua importância nas obras literárias. No Sermão de Santo António aos Peixes (Padre António Vieira, 2014), o autor descreve as virtudes dos peixes que são por contraste, metáforas dos defeitos dos homens e os seus vícios são diretamente metáfora dos defeitos dos homens. O pregador fala aos peixes, mas o alvo é o homem. Na opinião do autor as qualidades dos peixes são: Ouvem e não falam, foram os primeiros seres que deus criou, são melhores que os homens, existem em maior número, revelam obediência e respeito ao ouvirem a palavra de Deus, e por viverem em retiro e afastamento dos homens o que permite a proximidade com a paz e a pureza de espírito, e se afastam dos vícios mundanos.

4. Considerações finais

Neste trabalho, defendemos a ideia de que a aprendizagem de uma língua vai além do ensino do vocabulário e das regras gramaticais. As unidades linguísticas independentes, como os provérbios e idiotismos, por estarem sempre relacionadas a contextos culturais específicos, costumes populares, ambiente geográfico, crenças religiosas e obras literárias, servem como uma rica fonte de informações sobre a cultura.

Ao analisar a riqueza semântica e imagética dos provérbios e idiotismos portugueses e chineses, especialmente os casos específicos relacionados com a dimensão da gastronomia, passamos por diversos fatores que diferenciam e unem as duas culturas. No fim, chegamos a algumas conclusões.

Tanto os provérbios quanto os idiotismos transmitem as vivências e a sabedoria popular através de uma linguagem concisa e vívida. Embora a sua definição e categorização seja difícil devido à origem diversificada. Após análise, chegamos a uma categorização de consenso, em que 熟语 (shúyǔ) corresponde a idiotismo enquanto 谚语 (yànyǔ) a provérbio.

Os provérbios e idiotismos chineses e portugueses mostram diferenças na escolha de temas e nomes, e isto pode estar relacionado a diversos fatores como a características geográficas locais, costumes à mesa e até crença religiosa. Por exemplo, em relação à gastronomia, as comidas que aparecem mais nas expressões são aquelas mais comuns no dia a dia. Além disso, mesmo quando as duas línguas recorrem ao mesmo veículo, o seu simbolismo pode-se afastar muito, devido a diferentes maneiras de pensar e valores culturais.

Não obstante as disparidades, todas as diferentes culturas partilham algo em comum. Jakobson (1975: 69) já afirmou que “as línguas diferem essencialmente naquilo que devem expressar, e não naquilo que podem expressar”. Desta forma, concluímos que as línguas, como o veículo e o reflexo de cultura, são um instrumento de excelência para ilustrar tanto a universalidade quanto a especificidade dos seus locutores.

Referências

- BENSON, Morton “Collocations and Idioms” em Robert Ilson (ed.) (1985) *Dictionary, Lexicography and Language Learning*. Oxford: Pergamon Press.
- BRAZÃO, José Ruivinho (ed.) (2004) *Os Provérbios Estão Vivos no Algarve*. Lisboa: Notícias Editorial.
- ACL (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa / Editorial Verbo.
- GAO, Na (2017) *Um estudo comparativo de provérbios portugueses e chineses: O caso das metáforas zoomórficas*. Universidade de Aveiro, Dissertação de mestrado.
- HALL, Edward. T. (1976) *Beyond Culture*. New York: Anchor Press.
- JAKOBSON, Roman (1975) *Linguística e comunicação*. 8. ed. São Paulo: Cultrix. [Tradução: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes].
- LI, Shizhen 李时珍 (1979) 本草纲目 « Compêndio da Matéria Médica» 第 25 卷 Volume 25.北京 : 人民卫生出版社 , Beijing: Medical Publishing House.
- LIAO, Yiran (2019) *Estudo Comparativo dos Provérbios e Idiotismos Chineses e Portugueses com Animais: Abordagem Cognitivo-Cultural*. Universidade de Lisboa, Tese de doutoramento.
- LIU, Mengru (2012) *Provérbios e Expressões Idiomáticas em Português e Chinês*. Universidade de Minho, Dissertação de mestrado.
- LOPES, Ana Cristina Macário (1992) *Texto Proverbial Português: Elementos para uma Análise Semântica e Pragmática*. Universidade de Coimbra, Tese de Doutoramento.
- PORTO EDITORA (2018) *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- TYLOR, Edward. B. (2010) *Primitive Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- VAZA, Aldina & Emília Amor (2016) *Dicionário Verbo Língua Portuguesa*. Lisboa: Verbo.
- VIEIRA, António (2014) *Sermão de Santo António aos Peixes*. Lisboa: Atlântico Press.